

AVANÇOS E DESAFIOS DO PROJETO DE EXTENSÃO “FEIRA AGROECOLÓGICA DA UNICENTRO” EM RELAÇÃO AO CONCEITO DE AGROECOLOGIA

Dioni Stroparo¹
Jorge Luiz Favaro²
Luiz Gilberto Bertotti³

Resumo

A Feira Agroecológica é um projeto de extensão universitária que tem o objetivo de promover a comercialização via feira de produtos provenientes de sistemas de produção agroecológicos e criar um espaço de diálogo e integração cultural entre a comunidade universitária e a sociedade, assim, contribuindo para a prática cidadã e ambiental. Porém, há necessidade de um estudo sobre proximidade da feira com o conceito de agroecologia. Nesse sentido, o objetivo do trabalho consiste em fazer uma reflexão sobre os avanços e desafios do projeto de extensão “A Feira Agroecológica” dentro do conceito de agroecologia levando em consideração as dimensões ecológica, econômica, social, cultural e política. Concluiu-se que há avanço em todas as dimensões, porém, há muitos desafios, sobre a aplicação do conceito de agroecologia, a serem vencidos no projeto da Feira Agroecológica.

Palavras-chave: Feiras, Circuitos Curtos, Dimensões Agroecológicas

Introdução:

O objetivo do trabalho consiste em fazer uma reflexão sobre os avanços e desafios do projeto de extensão “A Feira Agroecológica” dentro do conceito de agroecologia levando em consideração as dimensões ecológica, econômica, social, cultural e política.

A agroecologia é uma estratégia multidisciplinar e pluriepistemológica para projetos de extensão como forma de gestão participativa através da aplicação de conceitos e princípios ecológicos e propostas alternativas ligadas ao desenvolvimento local (SEVILLA GUZMÁN; MONTIEL, 2010). Portanto, a agroecologia é, simultaneamente, uma abordagem científica para a análise e avaliação de planos de agroecossistemas e sistemas alimentares e uma proposta de práxis técnico-produtivas e sócio-político.

Para Caporal e Costabeber (2004), a principal virtude da prática agroecológica é seu caráter multidisciplinar. Os autores afirmam que as pretensões e contribuições agroecológicas

¹ Engenheiro Agrônomo, bolsista do projeto Feira Agroecológica vinculado ao programa Universidade Sem Fronteiras(USF) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, PR. E-mail: dioni_stroparo@hotmail.com;

² Docente do curso de Agronomia e Medicina Veterinária – Universidade Estadual do Centro-Oeste, PR. E-mail: jorgelfavaro@uol.com.br;

³ Docente do Curso de Geografia – Universidade Estadual do Centro-Oeste PR. E-mail: bertotti99@gmail.com.

vão muito além dos aspectos meramente tecnológicos da produção pois, elas incorporam dimensões mais abrangentes e complexas que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da produção agrícola. Essa visão, para os autores, foge do âmbito das correntes teóricas convencionais do “consenso”. Assim, a ciência da Agroecologia nasce como uma escola que se adere à perspectiva sociológica do “conflito” tendo sua construção baseada no pensamento social alternativo e em elementos, recolhidos de diferentes ciências, que se fazem necessários para a sua construção no enfoque científico.

Dentro do conceito de agroecologia, a sustentabilidade deve ser vista e estudada como a busca entre o equilíbrio das diversas dimensões que podem ser conflitantes na realidade concreta, assim, os princípios da agroecologia devem estar alicerçados nessas dimensões básicas (ecológica, econômica, social, cultural e política), levando em conta que elas devem estar ligadas entre si (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

A Feira Agroecológica é um projeto de extensão universitária que tem o objetivo de promover a comercialização via feira de produtos provenientes de sistemas de produção agroecológicos e criar um espaço de diálogo e integração cultural entre a comunidade universitária e a sociedade, assim, contribuindo para a prática cidadã e ambiental.

Este projeto iniciou-se em 30 de abril de 2009, no Centro Educacional de Desenvolvimento Tecnológico de Guarapuava (*Campus CEDETEG*), pela iniciativa de um grupo de produtores familiares e consumidores. Em outubro deste mesmo ano (2009), a pedido de funcionários e alunos, a feira foi expandida para o *Campus Santa Cruz*. Em 2014, o projeto teve seu início no *Campus* de Irati. E em maio de 2017, por solicitação de alunos está sendo implantada na UTFPR – *Campus Guarapuava*.

Na implantação do projeto em 2009, houve uma opção pelo termo Feira Agroecológica em detrimento do termo Feira Orgânica tendo em vista ao caráter mais amplo da Agroecologia.

Para a realização deste estudo levou-se em conta uma discussão realizada com os feirantes e a equipe da feira, sobre os pontos positivos e negativos do projeto.

1. Olhar do projeto nas dimensões da agroecologia

Antes de iniciar a análise do estudo, considerou-se prudente caracterizar, primeiramente, como a feira está estruturada. A mesma é desenvolvida em quatro blocos: o primeiro é composto de agricultores que produzem produtos orgânicos, ou seja, hortaliças e frutas, todos com sua propriedade certificada; o segundo bloco é composto por feirantes que confeccionam

artesanatos, incluindo os produtos indígenas; o terceiro bloco é desenvolvido pelos vendedores de alimentos artesanais (pães, biscoitos, queijos, bolos, tortas, pastéis, churros, sucos e café). Neste bloco também participam componentes do projeto de extensão: Universidade Aberta da Terceira Idade – UNATI; o quarto bloco é de responsabilidade dos bolsistas dos projetos de extensão universitária e tem o caráter educativo, denominada de “saber agroecológico” onde se expõe livros e materiais bibliográficos sobre agroecologia e dentre eles o projeto de extensão “Dom Caixote” que incentiva a leitura na comunidade universitária.

1.1 Dimensão Ecológica ou Ambiental

A primeira dimensão a ser observada nos projetos agroecológicos é a Dimensão Ecológica ou Ambiental. Ela implica na necessidade de uma abordagem holística e um enfoque sistêmico, dando um tratamento integral a todos os elementos do ambiente que venham a ser impactados pela ação humana. Ademais, é necessário que as estratégias contemplem a reutilização de materiais e energia inclusos no próprio agroecossistema, assim como a eliminação do uso de insumos tóxicos, cujos efeitos sobre o meio ambiente são incertos ou desconhecidos (por exemplo, Organismos Geneticamente Modificados – OGMs). Além de evitar qualquer tipo de poluição sólida, líquida ou sonora. Essa dimensão tem como carro chefe a produção de produtos orgânicos (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

Para buscar a sustentabilidade ambiental deve-se compreender e respeitar as dinâmicas do meio ambiente, entender que o ser humano é apenas uma das partes deste ambiente (RATTNER, 1999) e depende do meio que o cerca. Na concepção de Foladori (2002), a sustentabilidade ecológica é a que suscita menos controvérsias, uma vez que se refere a certo equilíbrio e à manutenção dos ecossistemas, conservação e manutenção genética, incluindo, também, a manutenção dos recursos abióticos e a integridade climática. Este conceito aborda a natureza externa ao ser humano e a concepção de que quanto mais modificações realizadas pelo homem na natureza menor sua sustentabilidade ecológica e quanto menor a interferência humana na natureza, maior sua sustentabilidade.

Rattner (1999), Daly (2004) e Sachs (1993) amparam-se nesta concepção e elaboram ações para conseguir a sustentabilidade ecológica: intensificação do uso dos recursos potenciais dos vários ecossistemas, com um mínimo de dano aos sistemas de sustentação da vida; limitação do consumo de combustíveis fósseis e de outros recursos e produtos facilmente

esgotáveis ou ambientalmente prejudiciais, substituindo-os por recursos ou produtos renováveis e/ou abundantes e ambientalmente inofensivos; redução do volume de resíduos e de poluição, por meio da conservação e reciclagem de energia e recursos; autolimitação do consumo material pelos países ricos e pelas camadas sociais privilegiadas em todo o mundo; intensificação da pesquisa de tecnologias limpas, com eficiente utilização dos recursos para promoção do desenvolvimento urbano, rural e industrial; definição de regras para proteção ambiental, concepção da máquina institucional, bem como escolha do conjunto de instrumentos econômicos, legais e administrativos necessários para assegurar o cumprimento destas regras estabelecidas.

Nesse contexto, a feira agroecológica contém apenas produtores orgânicos certificados. Isso dá a garantia de que os produtos comercializados na feira foram produzidos de maneira ecologicamente corretos. Sem o uso de agrotóxicos, respeitando as legislações ambientais e trabalhistas e tomando os devidos cuidados com a utilização da água. Além disso, Darolt et al. (2016) mostrou que comprar em cadeias curtas como é o caso da feira, diminui o impacto ambiental pela redução de embalagens (plásticas) e pelo menor gasto energético com transporte.

Em contrapartida, muito dos produtos presentes na feira, não podem ser totalmente orgânicos, caso dos bolos, bolachas, pastéis. Isso acontece pela falta de algumas matérias-primas. Como é o caso de farinha de trigo, açúcar, óleo vegetal orgânico, etc.

O ponto limitante a ser observado e melhorado na dimensão ecológica, é o uso de embalagens plásticas (copos, pratos, colheres, garfos e etc.) utilizados na comercialização de alimentos na feira, gerando resíduos sólidos ao meio ambiente.

1.2 Dimensão social

De acordo com Caporal e Costabeber (2004), ao lado da dimensão ecológica, a **dimensão social** representa precisamente um dos pilares básicos da agroecologia, uma vez que a preservação ambiental e a conservação dos recursos naturais somente adquirem significado e relevância quando o produto gerado nos agroecossistemas, em bases renováveis, também possa ser equitativamente apropriado e usufruído pelos diversos segmentos da sociedade. Outra observação importante é a estratégia que integre campo-cidade, e diversos grupos sociais, principalmente, os geralmente excluídos pela sociedade capitalista entre eles mulheres, comunidades tradicionais (quilombolas, indígenas) entre outros.

Neste contexto a Feira Agroecológica tem contribuído para a integração desses grupos, propiciando um espaço de interação e discussão possibilitando uma melhor convivência entre o campo, a cidade e a universidade. Thompson (1998) mostra que o ambiente da feira vai de contraponto a disciplina do trabalho, uma vez que se caracteriza como espaço de ócio e de lazer. Esse significado social encontra-se presente na nossa feira, que apresenta um espaço não só comercial, mas também de lazer e diálogo. Isso permite uma transmissão de informação da sociedade em rede, como discutido por Sato (2007), que afirma que essa transmissão de informações no ambiente da feira presidem mediações tecnológicas, pois a troca de informação acontece de boca a boca. Assim, a feira não é vista pelos frequentadores apenas como um espaço de compra, mas também como um espaço de lazer, um ponto de encontro com amigos, um lugar agradável para se passar o tempo.

No ato de ir comprar na feira em espaços públicos os produtos a serem consumidos no interior das casas durante a semana gera inúmeros elementos simbólicos como a confiança com o feirante e as formas de sociabilidades aí presentes, até uma ideia de pureza do alimento que está sendo adquirido, em função da possibilidade de tocá-lo, escolhê-lo, experimentá-lo com todos os sentidos (VEDENA, 2004).

Segundo Weber (1979), o aparecimento das cidades está relacionado estreitamente com as feiras, que representavam o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial. O que torna a feira uma importante estrutura social no meio urbano, pois nela há uma dinâmica de ocupação de espaço.

1.3 Dimensão econômica

Na dimensão econômica, os resultados “econômicos” segundo Caporal e Costabeber (2004) obtidos pelos participantes são elementos-chave para fortalecer estratégias de desenvolvimento. Não obstante, não se trata somente de buscar aumentos de produção e produtividade a qualquer custo, pois eles podem ocasionar reduções de renda e dependências crescentes em relação a fatores externos, além de danos ambientais que podem resultar em perdas econômicas no curto ou médio prazos. Igualmente, a soberania e a segurança alimentar de uma região se expressam também na adoção de estratégias baseadas em circuitos curtos de mercadorias e no abastecimento regional e microrregional, não sendo possível, portanto,

desconectar a dimensão econômica da dimensão social, como também pensar além da produção a transformação e comercialização.

Essa dimensão, acaba se tornando o maior atrativo para os feirantes. A maioria dos feirantes do projeto afirmam que a principal motivação para os mesmos participarem da feira é o aumento na fonte de renda, pois é na feira que os produtores conseguem comercializar seus produtos, sem a necessidade de atravessadores (FAVARO et al., 2016).

Outro fato importante a ser observado, é que a feira garante ao produtor a opção de escolher o valor do próprio produto. Podendo trabalhar o preço conforme a procura ou a disponibilidade.

De acordo com Darolt et al. (2016), as feiras podem ser enquadradas na tipologia dos circuitos curtos de comercialização, ou seja, aqueles que tem um menor número de intermediários entre o produtor e o consumidor, garantindo vantagens como: 1) permitir que o consumidor conheça onde, por quem e de que forma o produto foi produzido; 2) valorização do mercado local; 3) preço justo; 4) garantia de qualidade (agroecológico). Isso possibilita que os produtos comercializados em cadeias curtas possuam produtos diversificados e preços menores quando comparado aos supermercados.

Nos circuitos curtos, um dos pilares de sustentação das unidades produtivas de pequena escala é o trabalho familiar, que tem uma carga intensa e deve aliar diferentes competências (produção, transformação e comercialização) no intuito de diminuir custos e agregar valor aos produtos. Nesses sistemas, a autonomia do agricultor em termos de gestão, planejamento e comercialização é maior quando comparada à dos circuitos longos (DAROLT, et al., 2016).

As vendas em circuitos curtos (feiras de produtores, entrega de cestas, lojas especializadas, grupos de consumo organizado, vendas na propriedade ligada ao agroturismo, mercado institucional para alimentação escolar, venda por internet, entre outros) canalizaram metade do valor total das compras da produção orgânica certificada no mercado interno brasileiro (DAROLT, 2016).

Darolt et al. (2016) destacou que as cadeias curtas permitem remuneração mais correta ao produtor, preços mais justos ao consumidor, incentivo à produção local e à transição para sistemas mais sustentáveis.

1.4 Dimensão cultural

Na dimensão cultural, dentro da perspectiva da agroecologia, deve-se considerar a necessidade de que as intervenções sejam respeitadas para com a cultura local. Os saberes, os conhecimentos e os valores locais das populações precisam ser analisados, compreendidos e utilizados como ponto de partida nos processos de extensão. As ações, práticas e produtos devem levar em conta a identidade da cultura local, observando os elementos culturais determinantes que representam a diversidade territorial (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

A Feira Agroecológica, ajuda a permitir que os produtores tenham meios de seguir suas tradições, preservando suas culturas locais. Por exemplo, os agricultores familiares, conseguem produzir sem precisar de aquisição de pacotes tecnológicos, assegurando uma relativa autonomia na produção de seus alimentos.

O projeto tem permitido a troca de aprendizado entre os diferentes grupos culturais, porém, como quilombolas, indígenas, agricultores familiares e pessoas urbanas, e também do público que apresenta uma grande variedade de classes sociais, origem, descendência e pensamentos.

Além do mais, com o projeto parceiro “dom caixote”, que permite o empréstimo e a troca de livros, e com a barraca do saber agroecológico que disponibiliza materiais de leitura sobre agroecologia, a feira incentiva à literatura. Muitas das vezes, nos horários onde não há muito movimento, observa-se os feirantes praticando a leitura para passar o tempo.

Na feira, muitas vezes, encontra-se dificuldade, no caso dos artesanatos, da expressão da identidade territorial, pois, muitas vezes, os feirantes procuram fazer artes com figuras midiáticas ao invés de valorizar os elementos da cultura local.

A natureza desses tipos de espaço congrega valores culturais que atraem as pessoas, tanto por suas necessidades básicas quanto pela lógica do mercado, dos comerciantes e das diferentes combinações materiais de cada cultura (BERNARDINO, 2015).

Cultura e economia são hoje consideradas dois lados da mesma moeda. Estruturas aparentemente naturais, como mercados, são compreendidos agora como profundamente integrados. Simplesmente não se pode entender como funcionam as economias em determinados lugares (ou como processos de produção se desenvolvem) sem considerara matriz social mais ampla nas quais elas estão situadas (GERTLER, 2010, p. 87).

1.5 Dimensão política

A **dimensão política** da agroecologia tem a ver com os processos participativos e democráticos que se desenvolvem no contexto do projeto. Tornando-se um espaço de diálogo e de integração com a sociedade por meio de debates e processos de formação em relação a temas ligados a agroecologia. Que tem como ponto de partida uma profunda crítica sobre as bases epistemológicas que deram sustentação ao surgimento da crise ambiental e social (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

Segundo Caporal e Costabeber (2004, p. 115), a dimensão política:

(...) diz respeito, pois, aos métodos e estratégias participativas capazes de assegurar o resgate da auto-estima e o pleno exercício da cidadania. Entre os aspectos que podem auxiliar no estabelecimento de indicadores de sustentabilidade referentes à dimensão política, mencionamos: a) presença de formas associativas e de ação coletiva; b) ambiente de relações sociais adequado à participação; c) existência de espaços próprios à construção coletiva de alternativas de desenvolvimento; d) marco institucional favorável à intervenção e participação dos atores sociais locais; e) existência de representação local em defesa de seus interesses no âmbito da sociedade maior.

Nesse sentido o projeto destaca um pequeno avanço na dimensão política. Ele promove um espaço de encontro entre diferentes grupos sociais, em que os participantes possam expressar suas opiniões de forma igual, entrelaçando a dimensão econômica com a dimensão política. Esta discussão pode trazer, de certa forma, um resgate à culturas locais, além de permitir a manutenção da autoestima e o pleno exercício da cidadania, definido por Caporal e Costabeber (2004), como um das caracterizações da dimensão política.

A feira, também, contribui com a disponibilização de oficinas e cursos de temas agroecológicos possibilitando aos feirantes e a comunidade em geral uma melhor formação sobre o tema. Além do mais há um incentivo à leitura com a barraca do “saber agroecológico”, onde é permitido o empréstimo de livros e panfletos que discutem o temas da agroecologia como orgânicos, cuidados meio ambiente, transgênicos, agricultura familiar, dentre outros. Porém, encontram-se dificuldades em dialogar com a comunidade universitária e os temas relacionados a agroecologia. Isso ocorre devido a uma questão cultural que liga a maior parte dessa comunidade ao pensamento do agronegócio.

Considerações Finais

A Feira Agroecológica da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, como projeto de extensão universitária desde 2009 promove a comercialização via feira de produtos provenientes de sistemas de produção agroecológicos e também propicia um espaço de diálogo e integração cultural entre a comunidade universitária e a sociedade. Quando se analisa o projeto dentro das dimensões do conceito de agroecologia: ambiental, social, econômica, cultural e política observamos que há avanço em todas as dimensões, porém, há muitos desafios, a serem vencidos no projeto.

Referências

- BERNARDINO, S, da S. **A feira livre da cidade de nova cruz – RN: aspectos culturais e econômicos**. 2015.129 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília, DF: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.
- DALY, Herman E. Crescimento sustentável? Não, obrigado. **Ambiente & sociedade**, Campinas, v.7, n.2, p. 197-201, 2004.
- DAROLT, M.R.; LAMINE, C.; BRANDENBURG, A.; ALENCAR, M.C.F.; ABREU, L.S. Redes alimentares alternativas e novas relações produção-consumo na França e no Brasil. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 19, n.2, p. 1-22, 2016.
- FAVARO, J. L. et al. Participar como “feirante” da feira agroecológica da Unicentro: renda e fazer o que gosta. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS DA UNICENTRO, 3., 2016, Guarapuava. **Anais...** Guarapuava: 2016. Disponível em: <<http://anais.unicentro.br/conseaa/pdf/iiiiv3n1/198.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2017.
- FOLADORI, G. Avances y límites de la sustentabilidad social. **Economía, Sociedad y Territorio**, v 3, n. 12, p. 621-637, 2002.
- GERTLER, M. S. Uma Geografia econômica cultural da produção. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (Org.). **Economia, cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 37-97.
- RATTNER, H. Sustentabilidade: uma visão humanista. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, ano 2, n.5, p. 233-240, 1999.

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI**: desenvolvimento e meio ambiente. São Paulo: Nobel, 1993.

SATO, L. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia & Sociedade** [On-line], v. 19, n. Especial, p. 95-102, 2007.

SEVILLA GUZMÁN, E.; MONTIEL, M. S. Agroecología y soberanía alimentaria: alternativas a la globalización agroalimentaria. **PH Cuadernos**, Sevilla, n. 27, p. 191-217, 2010.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 267-304. (Original publicado em 1967).

VEDENA, V. “**Fazer a Feira**” estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. 2004. 251 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

WEBER, M. Conceitos e Categorias da Cidade. In: VELHO, O. **O Fenômeno Urbano**. (Org.). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.